Foto — FRANCISCO PAIS

SUMARIO

Obra das Mães pela Educação Nacional
·MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA·

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada-Lisboa

Assinatura ao ano 12$00 Escudos — Número avulso 1$00 Escudo

Alentejanas

N.º 85
MAIO
1946

Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora Coroada...

O Cardeal Legado coroando Nossa Senhora

REGISTA o nosso Boletim, neste número, o facto, certamente o maior e o mais solene da história, e da história da Igreja, nos últimos tempos: a coroação da imagem da Senhora de Fátima.

Tambem lá fomos, ó Mocidade, flores nas mãos e nas almas, em nome das raparigas portuguesas, rezar à nossa Madrinha e Senhora, a acção de graças e o louvor cantado e resado com lágrimas e sacrificios de toda a sorte, com alegria e aleluias triunfais.

«No céu, na terra, nas lindas almas,
Onde está Cristo,
Jamais foi visto,
Um dia assim!

Rumor de palmas,
Montões de rosas, montões de lirios,
Vulcões de incenso, trovões de cirios.»

Assim cantou o Poeta — e bem o soube cantar assim, esse dia inesquecivel. Viu o nosso Santo Padre, na pessoa do seu Legado *a-latere*, coroar a Senhora. Honra sem igual que nunca agradeceremos bastantemente. A quanto ficamos obrigados, para nosso bem, por esta Visita!

E, segunda vez, falou-nos Ele, na nossa lingua — Palavra tão alta e tão santa — Palavra de Cristo! — que é necessário meditar. E agora Portugal é já oficialmente, **«Terra de Santa Maria»**. Foi Pio XII que na sua mensagem assim chamou a Portugal, para logo continuar:

«São oito séculos de benefícios: os cinco primeiros sob a signa de Santa Maria de Alcobaça, de Santa Maria da Vitória, de Santa Maria de Belem, nas lutas épicas contra o Crescente pela Constituição da nacionalidade, em todas as que custou a consolidação da sua independência, em todos os heroismos aventurosos, descobrimentos das novas ilhas e novos continentes, por onde vossos maiores andaram plantando com as quinas a Cruz de Cristo; estes três últimos séculos, sob a especial protecção da Imaculada a Quem o Monarca Restaurador, com toda a Nação reunida em Côrtes, aclamou a Padroeira dos seus Reinos e senhorios entregando-lhe a coroa como especial tributo de vassalagem e com o juramento de defender, até dar a vida, o privilégio da sua Conceição Imaculada, esperando, segundo suas próprias palavras, «com grande confiança na infinita misericórdia de Nosso Senhor e por meio desta Senhora, Padroeira e Protectora de nossos Reinos e senhorios de Quem por honra nossa nos confessamos e reconhecemos vassalos e tributários, nos ampare e defenda de nossos inimigos, com grandes acrescentamentos destes Reinos para glória de Cristo, nosso Deus, e exaltação da nossa fé católica romana, conversão dos gentios e redução dos herejes».

«E a Virgem Fidelissima não confundiu a esperança que nela se depositava. Basta reflectir nestes três últimos decénios, pelas crises atravessadas e pelos benefícios recebidos, equivalentes a séculos; basta abrir os olhos e ver esta Cova da Iria transformada em fonte manancial de graças soberanas, de prodigios fisicos e muito mais de milagres morais, as torrentes que daqui se derramam sobre todo o Portugal e, de lá, rompendo pelas fronteiras, se vão espraiando por toda a Igreja e por todo o Mundo».

E acrescentou:

«Como não agradecer, ou antes, como agradecer condignamente?!

Há trezentos anos, o Monarca da Restauração, em sinal do amor e reconhecimento seu e do seu povo, depôs a coroa real aos pés da Imaculada, proclamada Rainha e Padroeira; hoje sois vós todos, todo o povo da Terra de Santa Maria com os pastores das suas almas, com o seu Governo.

As preces ardentes, aos sacrifícios generosos, às solenidades eucarísticas, às mil homenagens que vos ditou o amor filial e reconhecido, juntastes aquela preciosa coroa e com ela cingistes a fronte de Nossa Senhora da Fátima, aqui neste oásis bendito, impregnado de sobrenatural, onde mais sensível se experimenta o Seu prodigioso patrocínio, onde todos sentistes mais perto o Seu Coração Imaculado, a pulsar de imensa ternura e solicitude materna por vós e pelo Mundo. Coroa preciosa, simbolo expressivo de amor e gratidão!»

E depois de nos ter recordado que foi Nossa Senhora que nos livrou da *«mais tremenda guerra que nunca assolou o mundo»*, Sua Santidade terminou lembrando-nos alem da gratidão, que esta graça imensa nos trouxe:

«Nesta luta não pode haver neutros, nem indecisos. É preciso um catolicismo iluminado, convicto, desassombrado, com fé e de mandamentos, com sentimentos e obras, em particular e em público, como ainda há quatro anos proclamava em Fátima a radiosa Juventude Católica: — Católicos a cem por cem!»

Ouviste, Mocidade, que não podes ficar *«neutra nem indecisa»*? — e que o teu catolicismo tem de ser *«a cem por cem!»*...?

G. A.

NOTÍCIAS DA M.P.F.

Fim de semana no ESTORIL

SABEIS o que são raparigas, ávidas de ar e sol, numa tarde primaveril e dôce? Calculai pois o que seria o Cais do Sodré com umas caritas ansiosas e o sorriso bom da Fröken na tarde da nossa partida!

Mas... o comboio vai partir... e enquanto êle marcha, sempre no mesmo ritmo, há olhares de ansiedade e perguntas curiosas: — Como será «A nossa Casa» de S. João?

E as «veteraua», aquelas que já a conhecem, respondem em tom infinitamente superior: — Vocês vão ver! É maravilhosa!

• •

A noite já caiu sobre o mar! O comboio parou e encontramo-nos a caminhar apressadas. Ao longe brilha uma luz.

Corremos mais alvoraçadas e já nos rodeiam vozes amigas: — Querem que as ajude?

Estamos em «A nossa Casa».

As «noviças», acompanhadas das «veteranas», inspeccionam tudo como que a descobrir os mil encantos dessa casinha aconchegada e acolhedora, que é bem o prolongamento do nosso lar, e onde nem falta, sequer, uma mãe carinhosa e meiga.

E o jantar de gargalhadas e boa disposição, decorre veloz...

Depois, nos quartos, a que os lindos cretones claros dão uma frescura de mocidade, as raparigas ficam a pensar, a segredar entre si: como será êsse *campismo*, êsse belo passeio que vamos fazer?

• •

No dia seguinte as mais madrugadoras acordam as outras. Há por toda a casa, uma agitação feliz: fazer camas, deixar tudo em ordem nos quartos e não nos fazermos esperar...

Naquela manhã deliciosa, que cheirava a mar e a alegria de viver, sabia bem caminhar pela estrada banhada de sol e rodeada de pinheiros que escondiam ao longe as casitas multicolores!

Há sorrisos que desabrocham, almas que vivem, vozes que cantam um unísono.

Chegadas ao local escolhido, organizam-se as quinas. Cada uma alinha o seu cantinho, constroi o fogão, arranja «a caixa do lixo», descasca batatas, cebolas, etc., etc.. E tudo se faz em breve porque os braços estão desejosos de trabalhar e todas querem que a *sua quina* seja a primeira.

Com todo êste trabalho, é claro que o almoço foi verdadeiramente «devorado», tanto mais que nunca imagináramos que, com batatas, ovos, cebolas e carne, se fizesse um prato tão delicioso...

O céu avista-se por entre as ramadas dos pinheiros. Um silêncio absoluto nos rodeia... É a hora do repouso.

• •

Depois da sesta continuaram as competições campestres. Cada uma das Quinas fez uma representação alusiva à M. P. F. e, também, vários jogos.

A tarde passou ràpidamente.

Em seguida à merenda, reunidas à volta da Bandeira da Mocidade, entoámos o hino da nossa Pátria que, no meio daque silêncio, parecia ecoar mais vivo, ainda, nas nossas almas.

Preparámo-nos para o regresso alegres e felizes, não obstante termos trepado um monte onde os pés escorregavam teimosos na caruma que o atapetava... Subir, é sempre difícil... mas, em recompensa, pudemos apreciar, lá do alto, através dos telhados alacres das moradias modernas, o espectáculo que a natureza nos oferecia — um lindo pôr de sol — sôbre um mar muito azul, dum azul de cobalto...

De volta «À nossa Casa» preparamo-nos para o jantar. O duche acalmou os nossos nervos e despertou o apetite...

E, depois de agradecermos ao Senhor, um tempo tão belamente passado, recolhemos aos nossos quartos.

Em breve tudo foi silêncio.

O mar estava maravilhoso naquela manhã de domingo. De volta da Igreja onde tínhamos ido assistir ao Santo Sacrifício da Missa, não nos cançavamos de olhar essa faixa imensa que brilhava como um espêlho. Uma frescura enorme nos invadia.

Na praia deserta, a nossa chegada foi um grito de alegria e vida. Jogou-se o «volley», brincou-se e fizeram-se fotografias nas rochas.

Voltámos mais queimadas, mas com melhor disposição.

A' tarde, depois de assistirmos à distribuição dos prémios, em que todas as quinas foram contempladas, tocou-se, dançou-se e prepararam-se as malas para a partida.

Mas no fundo do nosso «eu» uma voz clamava: «o quê? será possível que sejamos nós aquelas raparigas olheirentas e cansadas? nós, aquelas que hoje bendizemos o dia e que sorrimos a tudo?»

A voz calou-se devagarinho... Os olhos estão mais brilhantes, o mar é ainda azul...

Só nos resta gritar um «Sim» vibrante a tudo quanto o Senhor desejar de nós.

Aquele fim de semana ficará gravado para sempre nas nossas almas de raparigas...

A Chefe de Grupo

Maria Ema Tarracha Ferreira

Acampamento na QUINTA DOS MILAGRES

VOLTOU a primavera. Recomeçaarm os passeios e acampamentos da M. P. F. Vida ao ar livre que põe em movimento a gente moça e aumenta a sua alegria.

Dias em que se trabalha com gôsto, na cozinha e arranjos domésticos, e se passeia e brinca, e se gosa o prazer de uma fraternal camaradagem.

Dias em que à noite se adormece em paz e de manhã se desperta com alegria.

Dias em que o tempo passa a correr, a correr, deixando tantas saudades!

A recordar esses dias — como é doce recordar! — publicamos algumas fotografias que farão reviver passadas alegrias.

BEATA BEATRIZ DA SILVA

por BERTHA LEITE

HONRA e glória da nossa querida Pátria as aparições de Maria Imaculada foram muito anteriores às de Lourdes, altíssimo privilégio da gente portuguesa.

Referir a vida de Beatriz da Silva maravilhosamente agraciada pela Mãe de Deus é transportar os seus dulcíssimos extases a esta desgraçada epoca que o lúgubre positivismo vem marcando.

Exemplos magnificos das mais enternecedoras virtudes cristãs, as obras devidas à passagem pelo mundo da neta de Nuno Alvares divisam-se ao fundo do passado como constelações celestes de inexcedível beleza.

Desde que lhe viera o entendimento e muito pequenina ainda pusera-se devotadamente a amar Nossa Senhora.

Foi esse amor a base primacial do seu aperfeiçoamento.

A história é curta.

Casara D. João II de Castela com a filha do Infante D. João de Portugal. Não querendo porem D. Isabel separar-se da sobrinha dilecta, resolveu levá-la consigo para Espanha.

A rara simplicidade da sua formosura fez tal contraste com as beldades galhardamente provocantes no reino vizinho, que fazia furor.

Em breve soberano e fidalgos disputavam entre duelos e intrigas a dificil conquista do seu honesto coração.

De cegos que andavam, não viam sequer que a sua verdadeira beleza era o esplendor inconfundivel da espiritualidade da raça!

Alheia a quantas perversidades se teciam à sua roda, Beatriz da Silva persistia na vida religiosa, implorando ao Senhor que a livrasse de todo o mal.

Infelizmente o ciume que tresloucara a neta de D. João I era dos que a análise dos factos não detem.

Por vingativa ordem da Rainha foi a pobre menina encerrada viva numa urna mortuária.

Três dias após o crime, quando seu tio D. João de Menezes procurou visitá-la, não hesitou D. Isabel em conduzi-lo ao lugar onde jazia a sobrinha, vitima inocente de tão injusto rancor.

Ao abrir porem o caixão, grande surprêsa lhe reservava o Senhor Deus de misericórdia. Beatriz da Silva estava viva. Mais formosa do que nunca, em extases divinos. Pôde então contar como lhe aparecera a Virgem Maria durante o tempo do martirio.

Vestida de azul e branco, gloriosamente envolta em claridades celestes, falara Nossa Senhora para lhe anunciar que deveria ela ter mais tarde muitas filhas espirituais.

Logo a Rainha a libertou, arrependida de tamanha crueldade para com a sua dama. Gostosamente a viu recolher ao Mosteiro de S. Domingos das religiosas cistercienses de Toledo, onde tomou o hábito secular.

Ali permaneceu trinta anos de vida santificada, depois de ter escondido para sempre com espesso veu branco o delicado semblante causador de tão graves desavenças. «*Filha*, lhe teria então dito a Mãe de Jesus, *é vontade de meu Filho que se estabeleça na Igreja uma Ordem religiosa que honre a Imaculada Conceição e é a ti que Ele se digna escolher para a fundar*».

Assim se fez.

O Palácio dito de Galiana foi oferecido pela Rainha Isabel, a Católica, prima de Beatriz da Silva e sua grande Amiga — para servir ao noviciado da Ordem que no mesmo ano de 1489 devia terminar pela chegada da bula pontificia que a aprovava.

O Santo Padre Inocêncio VIII agradecia assim à ilustre esposa do Rei D. Fernando de Espanha a sua prestimosa colaboração nos serviços da Santa Igreja.

A verdade é que a esclarecida filha da Infanta de Portugal procurava por sua vez redimir a Mãe das negras horas do passado, cumulando com as atenções da sua preciosa amizade a nova Beata portuguesa.

Antes que as primeiras concepcionistas professassem com a devida solenidade, apareceu-lhe pela última vez a Rainha dos Anjos. Vinha avisá-la de que era chegada a sua hora:

«*De hoje a dez dias virás comigo*».

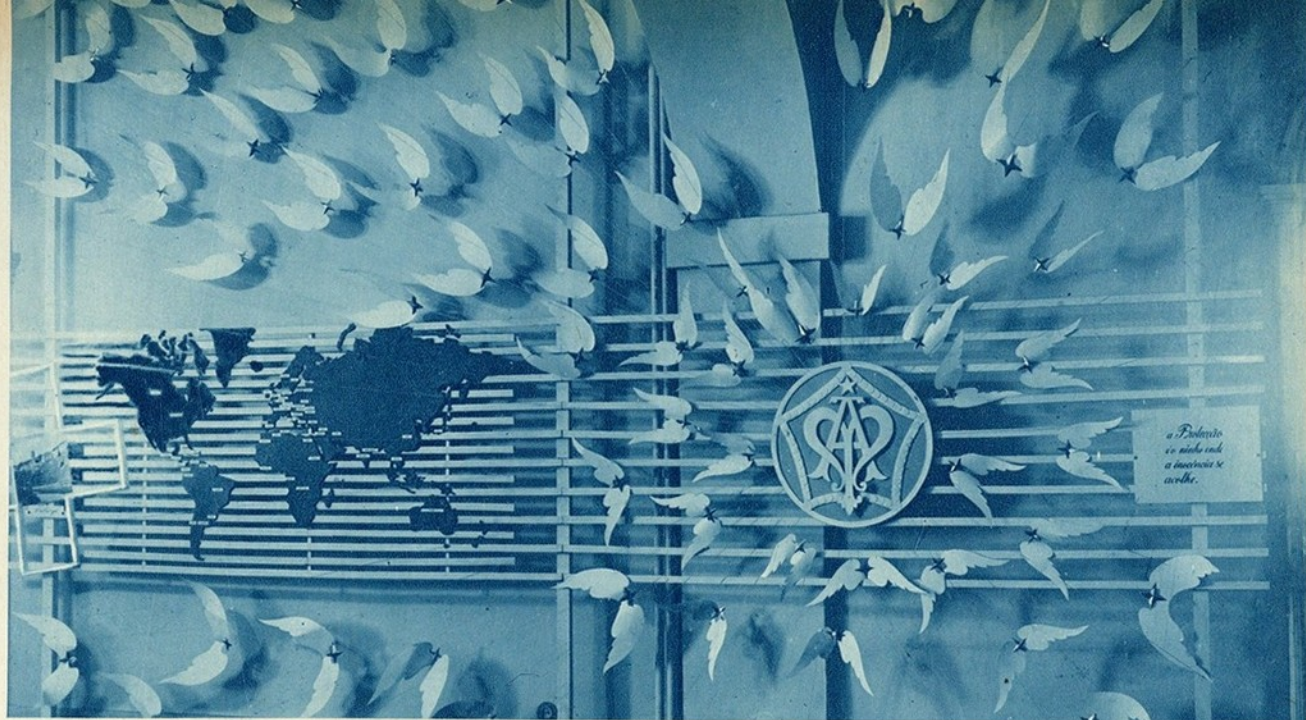
O alvorôço da sua alma delirante pela proximidade do Céu foi momentaneamente toldado pela melancolia de não chegar a ver estabelecida a nova ordem religiosa para que tanto trabalhara.

Confiando porem na sobrinha D. Filipa da Silva, depois Abadessa Fundadora, pediu que embora observando a regra cisterciense, «*fossem as religiosas cingidas com o cordão do seráfico Padre S. Francisco de Assis*».

E aguardou que lhe dessem os ultimos sacramentos.

Excepto a Rainha Isabel a Católica, para quem usava descobrir a face quando falava, nunca mais ninguem a viu.

Ao levantar pois o veu para que lhe fosse aplicada a santa unção, houve entre as presentes um murmúrio de assombro.

«*Foi tal o esplendor que dela saiu*», rezam as crónicas — que todos ficaram admirados. A Santa não envelhecera.

Quadro da Exposição *há pouco realizada nas festas do 50.º* aniversário *da* Associação: *as* asas brancas *simbolizam as raparigas que em todo o mundo procuram o ninho acolhedor da Obra da Protecção, simbolizado pelo emblema*

UMA OBRA QUE TE IMPORTA CONHECER

QUE êste nome «Protecção» não te impressione mal, induzindo-te num erro: «A *Protecção* não é para mim; não preciso de ser protegida».

Como estás enganada!

Podes ser rica e utilizar os serviços da *Protecção*; podes ter família e vir a necessitar da *Obra da Protecção.*

Queres ver?

Não será nada impossivel, nem sequer extraordinário, que um dia faças uma viagem dentro ou fora do nosso país.

Não gostarias que alguem te fosse esperar à estação e te prestasse aqueles pequenos serviços de informação, companhia, etc., que uma pessoa amiga te dispensaria, se a tivesses nessa terra desconhecida?

Se escreveres, ou pedires que o façam, para a Obra da Protecção do local a que te destinas, serás esperada na Estação e acompanhada até te encontrares bem acomodada na Casa da Protecção, se preferires o seu ambiente familiar a um hotel, onde o isolamento te pesaria. Isto, não só em Portugal, mas em toda a parte onde a Obra da Protecção existe. E pode dizer-se que ela está em todo o mundo, pronta a acolher-te.

Na Europa: Alemanha, Bélgica, Bulgária, Dinamarca, Espanha, França, Grécia, Holanda, Hungria, Inglaterra, Irlanda, Itália, Lituania, Luxemburgo, Noruega, Polónia, Portugal, Romenia, Suécia, Suiça, Checoslováquia, Turquia e Iugoslavia.

Na Asia: China, Japão, Palestina, Pérsia, Siria, Indochina, etc.

Na Africa: Abissinia, Egipto, Algéria, Tunisia, Marrocos, Congo Belga, etc.

Na América do Norte: Canadá e Estados Unidos.

Na América Central: Costa Rica, Cuba, Panamá, S. Salvador, Haiti, etc.

Na América do Sul: Brasil, Argentina, Chile, Columbia, Equador, Venezuela, etc.

Na Oceania: Austrália, Nova Caledónia, etc.

Enfim, em todo o mundo, conhecendo a Obra da Protecção e procurando-a, encontrarás uma família.

Nem te será preciso conhecer a língua. «A diagonal amarela da Obra da Protecção é, como disse alguem, a linguagem universal, verdadeiramente internacional, que com um olhar é uma linguagem ao alcance de todos».

O traço amarelo da Protecção significa em todas as latitudes a mesma coisa: «Aqui estamos à tua disposição, rapariga. Confia em nós!»

Mas imaginemos outro caso, simples e corrente. Para continuares os teus estudos, tens de separar-te da tua família.

Para onde hás-de ir? Para um quarto alugado numa casa de hóspedes, mal frequentada talvez, onde te recebem, não para te favorecerem, evidentemente, mas por conveniência, na mira do ganho?

Se pagares bem, é possivel que não te falte nada, materialmente; mas todos os cuidados são mercenários.

Os cuidados que se não pagam, que se dão por amor, esses, hão-de faltar-te. Ninguem se preocupará com a tua alma de rapariga que precisa de ser orientada e ajudada para seguir sempre um rumo certo e seguro.

E se tu soubesses como são faceis e frequentes na mocidade os desvios sentimentais e intelectuais, onde a pureza e a fé ficam em perigo!

A Protecção, se tiveres de separar-te dos teus, oferece-te o seu lar, sem intenção de lucro, pedindo-te apenas uma retribuição minima, indispensável para a Obra se poder manter.

E dá-te, alem de melhor casa e melhor tratamento que uma pensão vulgar, o que só a tua própria mãe te daria: bons conselhos, afeição desinteressada, num imenso desejo de que sejas boa e feliz!

Imagina ainda outro caso, vulgar tambem.

Moras nos arredores de uma cidade onde vens, de camioneta ou de comboio, frequentar qualquer escola.

Ficam-te horas livres que gastas pelos corredores da Escola ou pelas ruas e jardins. Comes, quase às escondidas, por aqui e por acolá, o lanche que trouxeste para te servir de almoço.

Tambem neste caso a Obra de Protecção te pode ser útil.

Põe à tua disposição salas para descansares, estudares, divertires-te e comer.

Poderás aquecer o teu almoço; é tão desconfortável a alimentação fria! Ou se preferires, ser-te-á fornecida uma refeição.

E já escusas de andar a fazer horas, ao calor ou ao vento e ao frio, vagueando pelas ruas, sabe Deus em que companhias!

A casa da Protecção é a tua casa. Se te encontrares em alguma dificuldade, terás ali quem te atenda com simpatia; se precisares de algum serviço, poderás pedi-lo sem acanhamento.

Precisas talvez de ir ao médico e não tens quem te acompanhe...

Gostas de ler e não tens quem te oriente nas tuas leituras...

Sentes talvez o desejo de Deus e não tens quem te encaminhe para Ele...

Tudo o que uma amiga faria por ti, na intenção alta e desinteresssada do teu bem, tudo isso poderás pedir à Protecção!

Talvez, até aqui, nunca tivesses reparado nos seus cartazes riscados de amarelo.

Mas agora, repara bem e aponta-os às tuas companheiras; quantas delas necessitarão dos seus serviços?!

Explica-lhes o que é a Obra da Protecção: é uma obra que se destina a todas as raparigas, qualquer que seja a sua classe social, religião e nacionalidade: contanto que sejam honestas.

É para elas! E' para ti!

E é uma Obra que já tem feito muito bem: acaba de comemorar o 50.º aniversário da sua fundação.

Em Portugal possue casas em Aveiro, Braga, Bragança, Coimbra, Evora, Faro, Funchal, Lisboa, Porto e Vila Real e está representada por Correspondentes em 751 aldeias.

HOSSANA RAINHA DE PORTUGAL!

1 — A caminho da coroação. As flores do andor vieram da Bélgica, Holanda, etc.

2 — Após a coroação.

3 — Chegada do Legado Pontifício ao Santuário.

4 — Sua Eminência e o senhor Cardeal Masella com o senhor Cardeal Patriarca e várias entidades sob uma chuva de flores.

5 — A benção dos doentes.

6 — Expressões de fé. Durante a benção dos doentes registaram-se várias curas extraordinárias.

7 — Um aspecto da multidão dos peregrinos na Cova da Iria.

FOI com estas palavras que a M. P. F., aclamou em Fátima Nossa Senhora unindo a voz de mais de 300 Dirigentes e Filiadas, que representando dezenas de milhar de raparigas portuguesas ali foram em peregrinação, ao clamor da multidão imensa que enchia a Cova da Iria.

A M. P. F. não podia faltar neste solenissimo acto católico e nacional, ela que a Fátima levou, para ali serem benzidas por Sua Eminência o Senhor Cardeal as suas primeiras bandeiras e guiões, em 13 de Maio de 1938. Tomando, assim, desde a primeira hora, Nossa Senhora como sua Padroeira.

Hossana Rainha de Portugal!

Rainha de Portugal, pequenino, a nascer, que D. Afonso Henriques lhe ofereceu, consagrando-lhe para sempre Reino e Vassalos; Rainha de Portugal resgatado, em cujo nome D. João IV lhe jurou eterna vassalagem; Rainha de Portugal agradecido por previligiadas mercês, que novamente quis afirmar à Virgem Maria a sua confiança, amor e fidelidade.

Hossana Rainha de Portugal!

Como no passado, foi toda a Nação, reunida em «Côrtes» gerais na Cova da Iria, que agora proclamou à face da terra e do ceu que a Virgem Maria é a Soberana dos portugueses.

Das mãos do representante do Govêrno, a coroa passou para as mãos do Legado Pontifício, que cingiu com ela a fronte de Nossa Senhora.

E todos nós que assistimos pessoalmente, e todos os que ali estiveram em espirito, secundamos o seu gesto, ficando, pois, obrigados ao que essa coroação significa: amor, honra e submissão à Senhora de Portugal! Promessa e juramento de que na terra de Santa Maria, Jesus Cristo, seu Divino Filho, reinará sempre!

Vassalos de Maria, só o seremos verdadeiramente se pela fé e mandamentos formos cristãos perfeitos.

Mas Portugal, desta vez, fez mais do que eleger a Virgem Maria Soberana do seu «Reino e Senhorios»: o Santo Padre concedeu-nos a honra de coroá-la *Rainha da paz e do mundo!*

Gloriosa predestinação da misericòrdia de Deus, que nos destinou a tão grandes coisas!

Mas terminado o tempo das descobertas e das conquistas para fazer cristandade, e passada esta hora gloriosa da coroação de Nossa Senhora da Fátima, como poderemos continuar a nossa missão?

Fazendo reinar Maria na nossa vida particular — amando-A, servindo-A e imitando-A — e reconhecendo a Sua realeza na vida social — com costumes mais puros, devoção fervorosa e apostolado zeloso; deste modo, seremos, como disse Sua Santidade, «cruzados para a conquista e reconquista do Seu Reino, que é o Reino de Deus».

Sim, será conservando-nos filhos da luz, que nós defenderemos os interesses de Deus e seremos fieis à nossa missão, pois as trevas não resistem à luz!

O amor a Maria não pode ser apenas afeição intima, mas dedicação ardente e cuidadosa da Sua glória, que é a glória de Deus.

E a glória que nós podemos dar a Deus e a Sua Mãe Santíssima é a santidade da nossa vida e o nosso esfôrço pela extensão do reinado de Cristo.

Apressemos, pois, o triunfo do Reino de Deus, exaltando o triunfo de Maria, na obediência aos Seus desejos, manifestados nas aparições de Fátima: pureza de costumes, espirito reparação, oração incessante...

Se assim fizermos, todas nós poderemos dizer que coroámos Rainha a Virgem Maria!

E Ela, que é medianeira das graças divinas, dispensadora de todos os bens de que Seu Filho é o Senhor, continuará a velar por nós como até aqui o tem feito!

Filiadas da M. P. F.! Nós que enfileiramos junto dos que trabalham por um Portugal grande e cristão, e que agora fomos inclinar, em Fátima, diante da Rainha de Portugal as nossas bandeiras, sagradas pela bênção que sobre elas desceu e belas pelo ideal que simbolizam, temos que distinguir-nos ao serviço de Deus e da Pátria!

A nossa presença em Fátima, foi mais do que um acto de simples devoção, foi «A voz da Mocidade» a fazer-se ouvir:

«Quem manda é Nossa Senhora!»

AS SETE ALEGRIAS DE NOSSA SENHORA

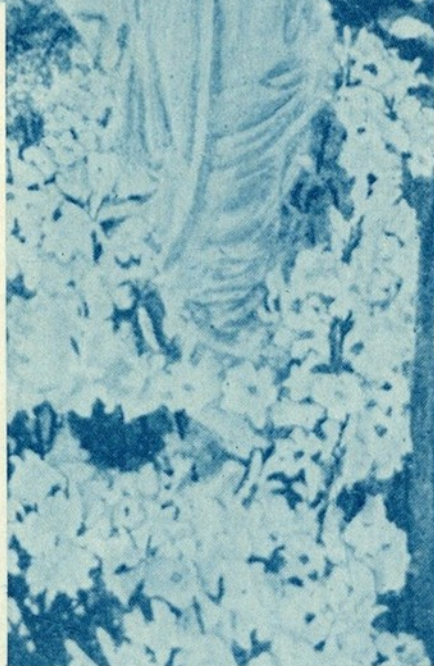
É devoção franciscana esta, e quadra bem ao espirito d'aquele S. Francisco d'Assis que foi o cantor da santa alegria. A coroa serafica consta de 7 dezenas do terço, meditando-se em cada uma as maiores alegrias da Virgem Santissima.

Nossa Senhora, durante a sua vida, não foi só a Mater Dolorosa: pelo Seu Coração Imaculado passaram também alegrias, as mais puras e as mais deliciosas.

Não se dá o mesmo comnosco? Na vida, a mais cheia de cruzes, Deus sempre deixa cair horas de felicidade; o sol da alegria rasga alguma vez as nuvens sombrias. Unamo-las pois às de Maria, e neste *mês de Maio de 1946*, com Ela e por Ela, sejamos almas de alegria.

Avé Maria, Vós que na Anunciação do Anjo Gabriel sentistes a alma inundada de alegrias divinais, e possuindo Jesus no Vosso Seio Virginal gosastes durante nove meses delicias que nem os Anjos nem os Santos conheceram, permiti que à Vossa primeira alegria unamos todas as graças de consolação que o Senhor nos tem concedido no exercicio da nossa vida piedosa. Que essas graças aliviem um pouco a aridez das nossas almas, pela Vossa intercessão, oh! *Cheia de Graça.*

Na Vossa segunda alegria, a em que vêmos como tambem gosastes as consolações das santas amizades, nós nos regosijamos porque na Vossa Visitação nos mostrais como o Amor de Deus não é incompativel com a mais doce das felicidades humanas: uma amisade verdadeira! Nós agradecemos a Deus todas as amisades com que dulcificou o caminho da nossa vida e guardamos como exemplo a Vossa amisade a Santa Isabel, nessa Visita tão divinamente santa e tão humanamente terna. Em Vós tudo é santo, porque *o Senhor é comvosco.*

Se contemplamos no Nascimento do Menino Jesus, a Vossa terceira alegria, vemos com júbilo como sentistes a felicidade de ser Mãe de Deus. Virgem Mãe, mais do que todas as mães querias ao Vosso Divino Filho! E na pobre gruta de Belem, todas as santas doçuras dum lar, modêlo dos lares cristãos, estavam a projectar-se pelos séculos futuros. Esposos, pais, filhos, aprenderão ai a guardar intactos os seus afetos, santas as suas familias, pedindo que as abençoeis, Vós *a Bemdita entre as mulheres.*

E se com a Visita dos Reis Magos, experimentastes a Vossa quarta alegria, foi porque ao ver prostarem-se deante do Menino Jesus os tres grandes da terra, assim conhecestes as alegrias do apostolado. Rainha dos Apostolos, sois também a Rainha do nosso apostolado, que se pede muitos sacrificios, traz também as mais santas felicidades, quando somos a estrela que guia os nossos irmãos junto ao *Bemdito Fruto do Vosso Ventre, Jesus.*

Contemplamos, na quinta alegria, o jubilo do Vosso Coração quando, depois de tres dias de lágrimas, encontrastes Jesus no Templo. Doces são as horas de convalescença depois duma grave doença, doces os momentos em que voltam para nós entes queridos ausentes, doces sobretudo a paz da consciência depois do perdão do pecado! E essas horas felizes queremos uni-las ao Regresso do Menino Jesus ao Vosso lado. Permiti que o façamos, *Santa Maria, Mãe de Deus!*

E como seriam de jubilo as visitas de Jesus Ressuscitado a Sua divina Mãe (foi esta a sexta alegria!) A Páscoa é a festa das aleluias, esperança das aleluias eternas! Mas, já na terra, existem ressurreições preciosas: ressurreição do dia depois da noite, da primavera depois do inverno; ressurreições são noticias inesperadas que se seguem a épocas de tribulação, reconciliações após desavenças funestas, encontros de almas irmãs! *Rogai por nós pecadores*, oh Maria, para que possamos também um dia contemplar a Jesus Ressuscitado, e com Ele festejar a Páscoa eterna.

Das alegrias da Vossa Assumpção, *agora*, não podemos falar, nem sequer as podemos imaginar, mas é doce aos nossos corações de filhos saber que lá no céu gosais de Deus como ninguém, e sois louvada, amada e cantada pela côrte dos Anjos e dos Santos, Vós a Sua Rainha! Para que nós um dia também partilhemos dessa infinita felicidade, rogai por nós *à hora da nossa morte!*

V. P.

IV — FÉRIAS DO NATAL

Em casa de Ermelinda

— Ó Mãe, não se rale, eu farei o jantar! assegurou a Ermelinda mal o médico saiu.

A sua carinha séria procurava dissimular a mágua escondida.

— Tu não podes, filha! Tenho de me levantar por força porque o teu pai está de serviço na esquadra de Santa Marta. Quem lhe há-de ir levar o jantar?

— Vou eu e a Lenita. A Mãe esteja quieta, temos de fazer o que disse o médico ou então não valia a pena chamá-lo!

— Vocês podem lá fazer tudo, sòsinhas! Valha-me Deus bemdito, o que há-de ser de mim agora!

A mãe voltou-se para o lado e lágrimas rolaram sobre o travesseiro.

A Ermelinda aconchegou-lhe a roupa e foi chamar a irmã que estava em casa da visinha do lado.

— Lena, vem ajudar-me! Não sabes que a Mãe está doente?

— O que disse o doutor? preguntou a pequena alvoraçada.

— Disse que não se podia levantar tão depressa porque não tem força nas pernas, mas se Deus quizer estas injecções vão fazer-lhe bem. Guarda a receita, Lena, para o pai a mandar aviar na farmácia da Policia e vem ajudar-me a descascar batatas.

A Lena voltou de corrida, agarrou na faca e começou a cortar a casca tão grossa que metade das batatas iam para o caixote do lixo.

— Ai, ai, ai! Muito mal! Tenho de fazer sopa de cascas!

— Tu também as cortas muito grossas, exclamou Lenita, olhando para o trabalho da irmã.

— Pois corto! É preciso prática. Vamos lavá-las muito bem e deitá-las para dentro da panela, pelam-se no fim e ao menos aproveitamos tudo.

Seu dito seu feito.

Mas agora a Lenita estava quase a chorar.

— Maldito peixe! Já me piquei com as espinhas uma data de vezes!

— Deixa-o! disse-lhe a Ermelinda, acudindo-lhe, vai acolá arranjar as hortaliças...

Daí a nada, bateu à porta a visinha do lado que já sabia daquela desgraça da mãe e destinara parte da tarde para as vir ajudar, mas a Ermelinda já tinha o lume bem esperto e a água a gorgolejar para meter dentro o peixe.

— Coitada da tua mãe! É capaz de ficar entrevada para toda a vida, dizia ela na cosinha; olha agora quem há-de poder com aquele corpo tão pesado!?

A Leninha começou a chorar numa grande agitação e a Ermelinda, toda aflita, fez sinal à visinha para se calar.

— Vá vocemecê ali para ao pé da minha mãe enquanto eu vou levar o jantar com a minha irmã.

— Pois vou filhas, no que puder ser útil...

Durante a semana, a doente continuou sem melhoras. No Domingo o doutor tinha vindo outra vez e conversara com o pai por alguns momentos e, depois dele ter saido, o pai não dissera nada. Ele era homem de poucas falas, mas à tarde chamou a filha mais velha:

— Parece que a tua mãe, se estas injecções não derem resultado, tem de dar baixa ao hospital, isto são vitaminas ou lá o que é. Se o que ela tem for uma doença nervosa, bem vai, se não fôr...

— Fica assim entrevada? perguntou a Ermelinda com os olhos brilhantes.

— Se calhar!

A pequena curvou a cabeça e no regaço caiam-lhe lágrimas em fio...

Na segunda-feira a Ermelinda com o mesmo cuidado levantou-se cêdo, começou a tratar da comida e da casa.

A visinha, coitada, era boa. A principio a Ermelinda não gostava muito daquelas entradas por ali dentro, mas a mãe com quem se encontrava era com a visinha. Nem a Ermelinda podia levantar em pêso o corpo da mãe para a arranjar, demais tinha tanto trabalho!... A roupa para lavar e engomar, o fato do pai para vincar as calças, enquanto a Lenita puxava lustro aos botões amarelos...

Na terça-feira a mãe piorou — uma opressão no peito e um pêso na cabeça...

O pai passeava zangado, nada lhe parecia bem feito, o dinheiro gastava-se todo, era vê-lo ir sem destino. Como a Lenita se sentasse a lêr no livro de História, o pai começou a gritar, a gritar, e a dizer que não precisava de doutouras em casa, o que precisava era de mulheres de trabalho como a mãe. De repente, com a mesma veemencia voltou a ira contra a filha mais velha que acabava de chegar das compras com as mãos rôxas de frio.

— Sim! Tu, ouviste? Acabou-se. Agora tens mais que fazer do que ires para o liceu, não tenho dinheiro para imposturices, nem o vou roubar!

Paralisada pelo espanto, a Ermelinda não acertava em responder, nem sequer ouvia a vozita da irmã que lhe segredava:

— Diz-lhe que tens bolsa de estudo, diz-lhe que tens bolsa de estudo... A Ermelinda não acreditava que aquelas palavras pudessem fazer desabar o mundo em que ela vivia — a sua presença, o seu amor ao estudo, o esforço de vontade, tudo!

— Não podia, não podia ser! Exclamou ela revoltada, ela que era a timidês em pessoa.

Enquanto migava as couves para o caldo verde, reflectia: Já era quarta-feira e a mãe tinha dado a queda na sexta. Nunca mais se levantara depois disso, nem talvez nunca mais pudesse ser a mãe trabalhadeira que enchia a casa com os seus passos pesados, que mourejava desde que elas entravam em casa até à noite. Nunca, tanto como agora, a pequena Ermelinda dava valor à devoção da mãe pelo seu lar; e o remorso atormentava-a.

Quantas vezes ela ouvia as suas amigas falar dos chás elegantes e dos ma-jongs, em que as mães se reuniam!!!

A alma simples e acanhada da Ermelinda, lá no seu cantinho, parecia não ouvir nada, não sentir nada e no entanto era vergonha, era bem vergonha o que ela sentia por se lembrar quanto a sua mãe era humilde e modesta.

A faca escapou-lhe e ia cortando um dêdo, mas as couves tinham de ficar bem migadas, de contrário, o pai não comeria o caldo verde. Ele andava tão arreliado com a sua vida!

Afinal ela pensara que o pai tivera razão em lhe dizer aquilo. Era ela quem devia substituir a mãe. Quem havia de ser? A visinha? A tia lá de Bucelas? Essa não podia. Então?... era ela só. Deixaria o liceu, as aulas, as suas queridas aulas, o curso quase no fim, o seu quinto ano, a alegria das boas notas, quadro de honra, até as aulas de culinária, onde ela aprendera a cosinhar, e ela sorria entre lágrimas, triste, triste.

Na quinta-feira, vespera de Natal, o frio enregelava a terra que, purificada pela aleluia divina, se cobrira dum manto de neve. Os pequenos lisboetas, como estouvados pardais de inverno, saltitavam irrequietos e admirados. As duas irmãs de narizes escondidos debaixo do cachecol caminhavam para a igreja. Era ao entardecer, à hora em que os sinos tocam as vesperas e a paz, uma paz enternecedora, enche os corações.

A mais velha ia silenciosa, a pequena tinha exclamações alegres, uma após outra, vendo aqui e ali a altura na neve.

Entraram na igreja.

A Ermelinda caiu de joelhos diante do lindo olhar da Virgem Maria. O que ia ela pedir? A cura da mãe para poder voltar para o liceu, um apelo à energia dos seus quinze anos, até então sem grandes alegrias, mas sem grandes tritezas. A sua felicidade até ali tinha sido afinal a saude da mãe. Sim, sim! Elas não teriam estudado sem as economias de que a própria Ermelinda às vezes se envergonhava, elas não teriam podido vestir-se, comer, pagar livros e não ter dividas, no fim de tudo.

Como ela era egoista, injusta, para a pobre e querida mãe, tão modesta e tão humilde!

A Ermelinda fazia o seu acto de contrição, ela que sabia, agora, o que era o sofrimento e a amargura, pedia fervorosamente a cura da mãe, mas para que Nossa Senhora a entendesse melhor, ela sacrificaria à saude da mãe os seus estudos. Seria a sua enfermeira, o seu amparo, o amparo da irmãsita e do pai.

Com as mãos postas e olhar suplicante, a Ermelinda murmurou, timidamente:

— Senhora, que este meu sacrificio seja ouvido. Eu tinha esperança de acabar o curso para me empregar e não levar a vida pobre da minha mãe, mas eu não sabia nada da vida dela e agora sei. Por isso, Senhora, eu não posso... dizer isto custa muito... mas... se para Ela viver como dantes eu tiver de deixar tudo, tudo de que eu mais gosto... deixarei!

Peço-vos pelo Menino Jesus, que vai nascer! Curai a minha mãe!

E' o meu pedido de Natal, minha Santa Mãe de Deus!!!

Maria Amália Fonseca

(Continua)

Modas para todas!...

N.º 1 — Vestido de saia e casaco cinzento muito claro com toucado igual. Bordado a cinzento escuro e grená. Para Adélia que é loira.

N.º 2 — Uma linda blusa com botões de fantasia, para Aida.

N.º 3 — Para Helena — Vestido aos quadradinhos preto e branco (aproveitamento do vestido do luto da avó) com bolero, gôrro, cinto e luvas de fazenda verde esmeralda.

N.º 4 — Para Ana, esta saia escocesa que em lugar de bainha tem uma franja desfiada na própria fazenda.

N.º 5 — A gola de renda e cambraia com preguinhas que Luiza fez por suas mãos para alegrar o velho fato preto.

Noivas

PEDES-ME Paula, *ideias* para um quarto *barato* e bouito. Barato... é dificil porque isso depende das possibilidades de cada um e, ainda porque os preços das coisas estão bastante altos e oscilam constantemente.

Sabendo eu que te vez aflita para fazer chegar a verba que ambos destinaram ao vosso quarto, lembro-te quanto poderás fazer por tuas mãos, o que aliviará muito as despesas.

O quarto alegre confortavel e moderno dos teus sonhos não está tão distante da tua bolsa como julgas. Repara nos modelos que te damos: — Tecidos de algodão: côres claras: quadradinhos e xadrezinhos. Tão bonito e tão frêsco! Com gosto e trabalho quanto poderás fazer! O trabalho é, Paula, pela vida fora, a melhor e a mais compensadora distração. Basta para isso interesse e gôsto no trabalho que se faz.

Quase todas as raparigas de hoje lutam com as mesmas dificuldades que tu; e sabes? As coisas que mais prazer nos dão são aquelas que mais trabalho nos deram e que mais nos custaram a alcançar.

Muito se pode também *aproveitar*. A economia é, de uma forma geral, a base da riqueza.

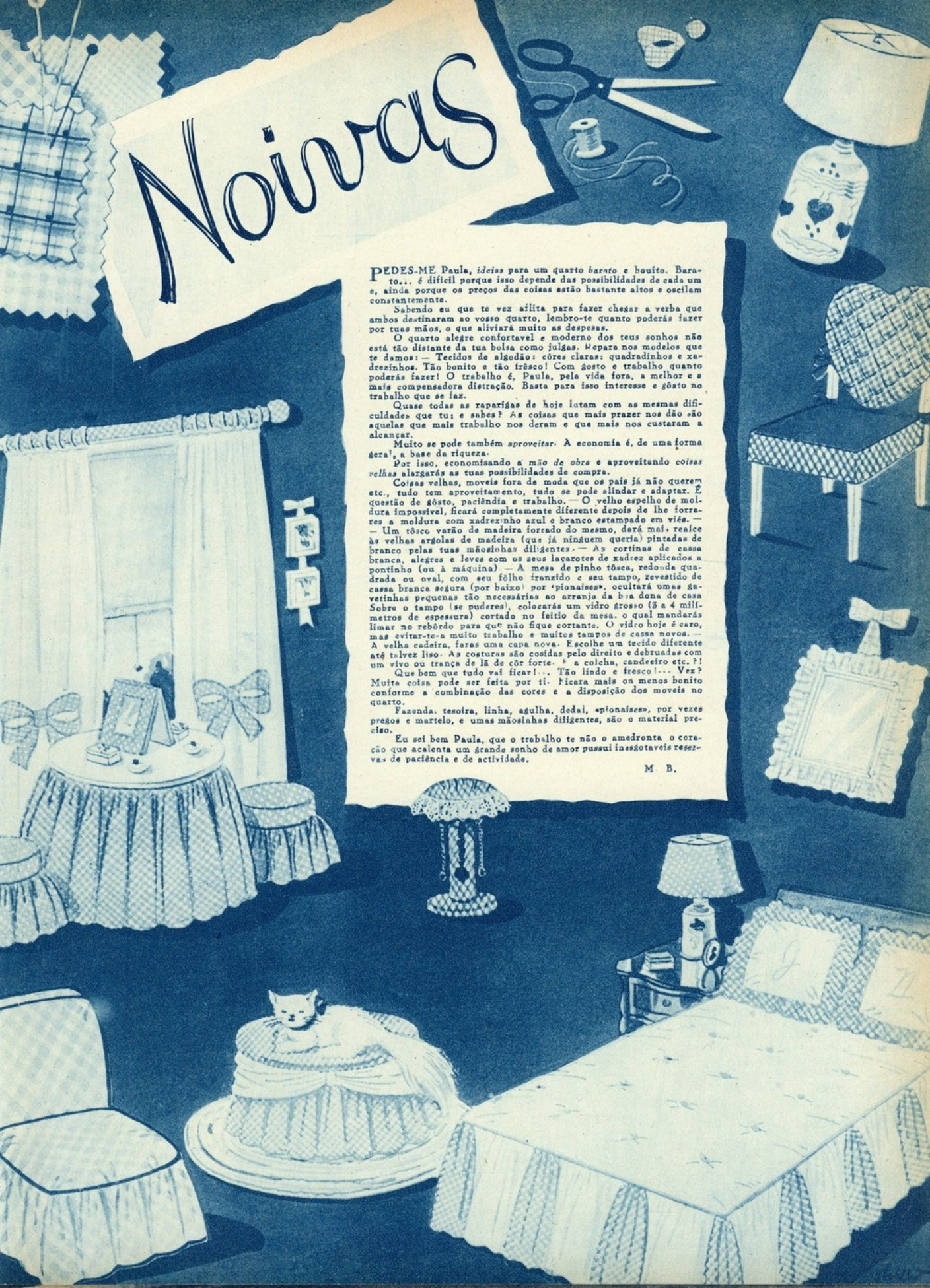
Por isso, economisando a *mão de obra* e aproveitando *coisas velhas* alargarás as tuas possibilidades de compra.

Coisas velhas, moveis fora de moda que os pais já não querem etc., tudo tem aproveitamento, tudo se pode alindar e adaptar. É questão de gôsto, paciêndia e trabalho. — O velho espelho de moldura impossivel, ficará completamente diferente depois de lhe forrares a moldura com xadrezinho azul e branco estampado em viés. — — Um tôsco varão de madeira forrado do mesmo, dará mais realce às velhas argolas de madeira (que já ninguem queria) pintadas de branco pelas tuas mãosinhas diligentes. — As cortinas de cassa branca, alegres e leves com os seus laçarotes de xadrez aplicados a pontinho (ou à máquina). — A mesa de pinho tôsca, redonda quadrada ou oval, com seu fôlho franzido e seu tampo, revestido de cassa branca segura (por baixo) por «pionaises», ocultará umas gavetinhas pequenas tão necessárias ao arranjo da b›a dona de casa Sobre o tampo (se puderes), colocarás um vidro grosso (3 a 4 milímetros de espessura) cortado no feitio da mesa. o qual mandarás limar no rebôrdo para que não fique cortante. O vidro hoje é caro, mas evitar-te-a muito trabalho e muitos tampos de cassa novos. — A velha cadeira, faras uma capa nova. Escolhe um tecido diferente até talvez liso. As costuras são cosidas pelo direito e debruadas com um vivo ou trança de lã de côr forte. ⸢ a colcha, candeeiro etc. ?!

Que bem que tudo vai ficar!... Tão lindo e fresco!... Vez? Muita coisa pode ser feita por ti. Ficara mais on menos bonito conforme a combinação das cores e a disposição dos moveis no quarto.

Fazenda, tesoira, linha, agulha, dedal, «pionaises», por vezes pregos e martelo, e umas mãosinhas diligentes, são o material preciso.

Eu sei bem Paula, que o trabalho te não o amedronta o coração que acalenta um grande sonho de amor pussui inesgotaveis reservas de paciência e de actividade.

M. B.

PARA LER AO SERÃO

MARIA JA CASOU

— Acho-te estranha, Maria; não te vejo o sorriso alegre de sempre... Será por partires breve para tão longe?

—Enganas-te, Marta, estou alegrissima, até.

— ...

— Pensava mesmo propôr-te um passeio ao Estoril, ou a Sintra, ou...

— Com o Manuel, já se vê?

— Não, não, iamos as duas sòsinhas; não era engraçado, com este tempo esplendido?

Marta não respondeu e ficou pensativa.

Dai a momentos, tornou:

— Olha, Maria, diz um velho ditado: *entre marido e mulher não metas a colher.* Mas tu ès tão inexperiente, ainda, e as raparigas de agora tem uma maneira de encarar a vida tão diferente da que se tinha quando eu casei...

— Quem te ouvir há-de julgar que ès velha!

— Não sou velha, bem sei; e casei há apenas dez anos. Mas a mentalidade já não é a mesma...

Maria olhou a irmã de sobrôlho franzido e disse:

— Nisso acertaste: acabou o tempo dos maridos autoritários, orgulhosos, mandões!

— Querida, não sei (nem preciso saber) o que se passou entre ti e o Manuel; arrufos de namorados, com certesa. Mas quero já, já, prevenir-te contra os teus impulsos, a tua precipitação na maneira de proceder...

— Ah, não fazes ideia de quanto o Manuel pode ser violento... E eu não estou para me sujeitar — pronto!

— Se ele é violento, Maria, evita provocar-lhe a violência; é o teu dever.

— Ora essa! que se domine.

— A' mulher compete dominar-se primeiro, Maria. Esqueces que num lar bem constituido o *homem* é o chefe; assim foi sempre, assim deve ser, e triste da familia em que assim não é...

— Onde pões tu o nosso orgulho, a nossa dignidade?

— Em saber conciliar essa vontade do *chefe* com o que nós achamos bem. O papel da mulher, bem sabes, não é nunca *rivalisar* com o marido: mas completal-o, harmonisar-lhe a vida, procurar sempre tornar-lhe agradável o seu lar.

— Tudo isso são palavras, Marta: e a liberdade...

— Se *gostas* do teu marido, e não pônho isso em dúvida, põe de parte esse orgulho mal orientado e pernicioso: sê tu a primeira a fazer as pazes, a abraçal-o simplesmente e verás como ele se humilha diante do teu amor! E a alegria sincera com que te pedirá desculpa, mesmo que não tenha culpa...

— Reconheço que ele tinha razão n'algumas coisas; mas...

Marta, rindo, concluiu:

— Ambos tinham culpa e ambos tinham razão. Mas, ouve-me, Maria: *a mulher é que deve sujeitar-se ao marido.*

Lembra-te disto sempre, agora que partes para longe...

CHA DA COSTURA

— Nunca mais se pensou naquela história de haver uma «*Menina do dia*:» e olhem que tinha piada, às vezes — observou Joana.

— Piada não sei se tinha — respondeu Maria José — mas não deixava de ter interesse.

— Podemos fazê-lo de vez em quando; assim não se aborrecem da ideia, como sucedeu já — disse Clara.

— Se querem, tira-se hoje à sorte qual é a *Menina* — lembrou Rita, correndo a buscar papel para as sortes.

— Não vale a pena estar com o trabalho dos papelinhos: basta fazer como se faz no jogo das escondidas, lembram-se?

— e Joana, apontando cada uma, recitou:

Minha mãe mandou-me à mestra
aprender o b-à-bá
Minha mestra me ensinou:
Quero esta que aqui está!

— E's tu, Alicinha!

Alicinha não ficou contente e resmungou:

— E' uma espiga...

— Anda, diz o que vais fazer — cortou Clara.

Alicinha, resignada, murmurou:

— Posso ensinar a fazer o mais delicioso bôlo de laranja que conheço; querem?

— Bravo! Bravissimo! — gritaram todas.

— Deixa-me tomar nota da receita, Alicinha — e Clara preparou-se para escrever.

Alicinha explicou:

— Junte-se uma colher de chá de fermento Royal a 50 grs. de farinha de trigo e a 50 grs. de fécula de batata. Por outro lado, batam-se 4 gemas com 50 grs. de manteiga, 150 de açúcar e a raspa de uma laranja. Misture-se, depois, tudo bem e juntem-se as 4 claras em castelo. Torna-se a bater. Leva-se a fôrno médio e...

— Essa optima receita vem no livrinho do Fermento Royal, não vem? — perguntou Joana.

— Ainda não acabei — respondeu Alicinha, excitada — e justamente o que vou dizer, e que é o principal, não vem em livro nenhum nem em receita nenhuma: é ideia minha!

E Alicinha concluiu, com ar importante:

— Depois de cozido o bôlo, e já frio, prepara-se o sumo de duas laranjas e vai-se regando o bôlo a pouco e pouco, deixando-o deliciosamente ensopado!

— Deve ser optimo! — concluiu Joana, lambendo os beiços.

GENTE NOVA

XII

E, finalmente, um dia, Francisca Tereza recebeu uma carta de José Paulo. Que alegria, ao reconhecer a sua letra miudinha, regular, perfeita!

O triunfo transparecia naquela carta de amor que, aliás, tão pouco falava de amor... Mas Francisca Tereza, lendo-a com o coração palpitante, sentiu as frases eloquentes do noivo através da sua própria ternura...

«Estou no caminho do triunfo, Tété!

E já me considero senhor de uma enorme fortuna. Não é isso a pedra de toque da vida de hoje? O próprio amor desenvolve-se melhor no meio do luxo que só o dinheiro póde dar-nos. Em poucos meses, transpondo obstáculos, vencendo fraquesas, dominando indecisões, consegui galgar o que outros só em anos vencem, quando vencem... Adoro-a, Tété, e você é o fim de todo o meu esforço para triunfar. Que esta afirmação lhe baste e dê paciência e coragem para esperar a chegada (talvez próxima...) do seu

José Paulo»

Nada mais dizia a carta; mas quanta alegria ela trouxe à feliz noiva!

O general, porém, ouvindo as noticias do futuro neto, abanou a cabeça, estranhamente descontente.

— Essas fortunas rápidas, súbitas, deixam-me uma impressão esquisita; não gosto — disse ele às filhas.

— O Pai é de outra época, bem vê — atenuou Manuela, que se entus'asmara com a carta de José Paulo.

Cecilia, pensativa, observou:

— E' assim a vida de hoje, avô, de repente tudo vem, de repente tudo acaba...

Espalhara-se por Lisboa, sem se saber como, a noticia da imensa fortuna que, em poucos meses, José Paulo Ribeiro Sales ganhara na América longinqua! Era como um filme de aventuras, daqueles em que, através de perigos e lutas, o heroi vence sempre...

Mas passados seis meses de vaga ansiedade, em que as noticias se reduziam a lacónicos e raros telegramas, o dr. Ribeiro Sales chegou um dia, ofegante, a casa do general, para falar a Francisca Tereza. Era cedo. E a activa Tété tinha ido à missa matutina na igreja da Freguesia.

— Vou ao encontro dela — declarou o advogado, saindo, apressado.

Encontrara-a perto do Jardim Público e, pegando-lhe afectuosamente no braço, disse:

— Um instante, minha filha; preciso de falar já consigo! — encaminhando-se para um banco solitário do jardim.

— Tive noticias confidenciais do meu rapaz, Tété; e não são boas.

Ela estremeceu, aflita, mas esperou que ele continuasse.

— O sócio, e outros, espoliaram-no de tudo, ou quasi tudo; denunciaram-no à policia como tendo-os roubado e ele fugiu para o México...

— Meu Deus! — murmurou Francisca Tereza.

— Não está em segurança, nem no México: parece que os outros afirmam ter provas de que as coisas se passaram com irregularidades...

— Meu Deus... — tornou Francisca Tereza.

— E agora, trata-se de lhe facilitar a volta para casa, Tété. Se fossem já casados, talvez a menina pudesse ir ter com ele e vinham por etapas para a Europa, huma espécie de viagem de núpcias. Mas era preciso casarem por procuração, e levantar-se aqui os fundos necessários para essas despesas. Ele, coitado, já nada tem; eu faria o que pudesse, e lembrei-me que a Tété, sendo maior e podendo dispôr do que lhe deixou sua Avó...

Francisca Tereza olhou o advogado com seus olhos francos e leais.

— Dr. Ribeiro Sales: bem sabe como eu adoro o José Paulo. Todos os sacrificios me serão fáceis quando se trate do seu bem.

Mas há uma coisa na qual a minha intransigência é ainda superior ao meu amor... Preciso de ter a certeza, absoluta e indiscutivel, que José Paulo procedeu bem. Pobre, abandonado, triste, mas **honrado**, *irei com ele para toda a parte, casarei por procuração se for preciso, ajudá-lo-ei a refazer a sua vida.*

Mas só, repito, quando não pese sobre o seu carácter a mais leve suspeita de deshonestidade...

— Mas, Tété, essas coisas levam tempo a ser provadas, bem vê; era preciso salvá-lo imediatamente e tirá-lo... da prisão — murmurou.

— Da prisão! — gritou Francisca Tereza, sentindo-se desfalecer.

O advogado amparou-a e tornou:

— Vá para casa, minha filha, e pense no que eu lhe disse. Hoje mesmo, até à tarde, temos de tomar alguma resolução.

E cabisbaixo, envelhecido, profundamente desolado, o pobre pai deixou Francisca Tereza sòzinha, chorando a bom chorar no banco solitário do jardim.

(Continua)

Carta às raparigas

Queridas amiguinhas

O assunto mais grave do momento que passa, creiam, é a *Assistência aos pobres:* e vós todas que tendes mocidade, saude, força e Fé, não podeis, nem deveis, ficar alheias a este assunto. Que todas vós, peço-lhes, se dediquem, de qualquer maneira (e há tanta maneira de o fazer...) a ocupar-se dos pobresinhos; que cada uma escolha, conforme o seu temperamento, a sua situação, a sua vida, a modalidade que *melhor* possa exercer: lembrae-vos do que diz S. Paulo na *Epistola do 2.º Domingo depois da Epiphania*... E inspirai-vos nas Obras de Misericórdia, que são uma norma de vida caritativa perfeita! Aqui fica o pedido da vossa velha amiga

Maria Paula de Azevedo

A CAMINHO DE FATIMA

Um grupo de graduadas da M. P. F., raparigas corajosas e... boas andarilhas, foram a Fátima como verdadeiras peregrinas: fazendo a viagem a pé desde Leiria à Cova da Iria

Algumas fotografias tiradas durante a viagem:

1 — *LEIRIA — No Mercado.* 2 — *Descanso. À volta da Fátima.* 3 — *Leiria — Senhora da Encarnação.* 4 — *No castelo de Leiria.* 5 — *Leiria — Feira.* 6 — *Leiria — No Jardim.*